



Book Review

Neopositivismus: Eine Historische Einführung in die Philosophie des Wiener Kreises, de Rudolf Haller

Nélson Gonçalves Gomes
Universidade de Brasília

Disputatio No. 8

November 2000

DOI: 10.2478/disp-2000-0011

ISSN: 0873-626X

RECENSÕES

Neopositivismus: Eine Historische Einführung in die Philosophie des Wiener Kreises, de Rudolf Haller. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1993, 304 pp.

Rudolf Haller, antigo docente de filosofia em Graz (Áustria), começou a escrever seu livro de introdução ao pensamento neopositivista há mais de vinte anos. Ao longo de todo esse tempo, foi produzindo um texto que sofreu sucessivas modificações, até chegar à forma final, ora publicada pela Wissenschaftliche Buchgesellschaft. A intenção de Haller foi a de apresentar o positivismo lógico de modo historicamente mais preciso, corrigindo mal-entendidos e preenchendo vácuos bastante encontrados nos múltiplos trabalhos já publicados sobre o assunto. A dicotomia *analítico versus sintético*, por exemplo, jamais foi um dogma uniformemente aceito dentro do Círculo de Viena, apesar da crença em contrário, enraizada desde a célebre crítica de Quine. Com bastante pormenor, Haller mostra que muitas das teses discutidas na filosofia analítica e na teoria da ciência do pós-guerra já tinham sido defendidas e publicadas por vienenses, durante as décadas de vinte e trinta.

Dentre os onze capítulos do livro, sete são preparatórios, por assim dizer. Partindo do tema 1) "O Círculo de Viena: uma nova visão", Haller apresenta 2) as características básicas do positivismo, 3) a pré-história do Círculo de Viena (Hume, Comte, Mill), 4) Mach e a tradição austríaca, 5) "o primeiro Círculo de Viena" e os convencionalistas franceses, 6) os diferentes "círculos" existentes na capital da Áustria e 7) os grandes representantes da "concepção científica do mundo" (Einstein, Russell, Wittgenstein). Uma vez estabelecidos tais antecedentes, o autor dedica quatro capítulos mais densos ao núcleo do neopositivismo: 8) Moritz Schlick, 9) Hans Hahn e Philipp Frank, 10) Otto Neurath e 11) Rudolf Carnap.

Sendo Haller um especialista em filosofia austríaca, não é de se estranhar que a parte mais original do seu trabalho esteja nos capítulos 4), 5) e 6). Ali é apresentado um panorama da filosofia na Áustria, com especial consideração de Viena, no período que vai, aproximadamente, da última década do século XIX aos inícios dos anos vinte deste século cessante. O pensamento de Mach é claramente descrito nas suas grandes linhas, em 4). No capítulo que chamou "Primeiro Círculo de Viena", Haller refere-se a um grupo

de estudos filosófico-científicos, que se reuniu entre 1907 e 1912, e ao qual pertenceram Hans Hahn, sua irmã Olga, Philipp Frank, Otto Neurath e, ao que parece, Richard von Mises. Mais tarde, todos eles pertenceriam também ao Círculo-Schlick, para aonde levariam idéias de Poincaré e Duhem, objeto de seus primeiros interesses, estudos e debates. Na verdade, como relata Haller em 6), a capital austríaca era uma cidade rica em grupos de estudos e discussões, de modo que se pode falar em múltiplos “círculos de Viena”, dedicados aos mais diversos campos do saber. Havia o “Círculo-Geist”, ao qual pertenceu o economista Fr. von Hayek, o “Círculo-Mises”, do também economista L. von Mises, o “Círculo-Reininger”, que reuniu ex-alunos do filósofo, o “Círculo-Gomperz”, em torno de H. Gomperz, o “Círculo-Bühler”, do qual foram membros K. Popper e E. Kaila, etc. Como se sabe, somente a partir de 1923/24 começou a reunir-se o “Círculo-Schlick”, como seminário privado do então novo catedrático para filosofia das ciências indutivas.

Haller foi bastante feliz na sua apresentação globalizante das idéias dos grandes neopositivistas, particularmente no que diz respeito a Neurath. Este inquieto, original e produtivo pensador e homem de ação político-partidária, autor de centenas de trabalhos sobre os mais diversos assuntos, teve a sua obra cuidadosamente analisada por Haller, que soube muito bem relacionar o socialismo utópico de Neurath com o seu naturalismo filosófico.

Nos capítulos sobre os neopositivistas são surpreendentes as fontes citadas por Haller. Ele teve acesso não apenas à bibliografia usual, mas também a múltiplos escritos ainda inéditos, conservados em arquivos norte-americanos e holandeses. Conferências, textos de aula, cartas pessoais: tudo isso foi pacientemente trabalhado por Haller e comunicado ao público pela primeira vez neste livro.

Mas, como não poderia deixar de ser, o livro em pauta apresenta alguns aspectos merecedores de reparos. Primeiramente, não é uma introdução à filosofia do Círculo de Viena, apesar do seu subtítulo. É, isto sim, um livro para quem já conhece o neopositivismo, ao menos nas suas linhas gerais. Em segundo lugar, contém algumas imperfeições histórico-filosóficas: Frege quase não é citado, Russell é descrito de modo muito sucinto e Popper é objeto de tratamento pouco favorável, além de sumário. As idéias de Schlick, por sua vez, foram desenvolvidas no livro de modo bastante seletivo, especialmente no que diz respeito à distinção que este autor faz entre *Kennen* (saber imediato e intuitivo) e *Erkennen* (conhecimento conceptual). Tal distinção tem um papel importante, na *Allgemeine Erkenntnislehre* (1.^a ed. 1918, 2.^a ed. 1925) e conduz a dificuldades repetidas vezes apontadas por críticos de Schlick. Haller, porém, tenta minimizar tudo isso, neutralizando o papel da citada distinção, apoiado em textos que Schlick viria a escrever nos seus últimos anos de trabalho, quando estava sob forte influência de Wittgenstein (p. 119).

RECENSÕES

Por fim, cabe ressaltar um ponto, a respeito da leitura das idéias do Círculo de Viena, por parte da posteridade. Haller tem razão quando, ao longo do seu livro, aponta para várias teses de neopositivistas que cairiam no esquecimento e que só seriam retomadas por outros autores, décadas depois. Não obstante, ele esquece-se de que os próprios neopositivistas possibilitaram o olvido dos seus méritos, na medida em que muito enfatizaram a recusa da metafísica, sendo, porém, bastante discretos no tratamento de questões como a falibilidade do conhecimento científico, por exemplo. Não se pode estranhar que a posteridade tenha voltado sua atenção para um item sobre o qual os neopositivistas (Neurath, em particular) gastaram tinta em grandes proporções.

Estas observações críticas não devem atingir o valor do livro de Haller. O texto é bom, claro e de agradável leitura. Merece tradução para outras línguas, de modo a tornar-se acessível a um maior número de leitores.

Nelson Gonçalves Gomes
Departamento de Filosofia
Universidade de Brasília - ICC Ala Norte
Campus Universitário Darcy Ribeiro
Caixa Postal: 04661
Brasília - DF - Brasil
gomes@unb.br

Protágoras, de Platão. Tradução, introdução e notas de Ana da Piedade Elias Pinheiro Lisboa. Lisboa: Relógio D'Água, 1999, 185 pp.

A edição da primeira tradução portuguesa do *Protágoras*, feita a partir do original grego, constitui um acontecimento relevante no panorama filosófico e cultural. A qualidade do trabalho apresentado — adianto já — permite saudar com alegria esta tão desejada publicação. Mas começarei por apresentar uma interpretação do argumento, para depois passar à apreciação da obra.

1. O *Protágoras* é um dos diálogos platônicos mais brilhantes e simultaneamente que maior perplexidade causa ao leitor. Este «Congresso dos sofistas», na feliz designação de E. R. Dodds, reúne na mesma sala quatro grandes figuras da cultura grega clássica: de um lado, os sofistas Hípias, Pródico e Protágoras, do outro, Sócrates e um punhado de outros atenienses notáveis. O debate opõe o filósofo ao sofista que Platão escolheu como personagem epónimo da obra, mas nunca perde o contacto com os outros circunstantes. Discute-se, em geral, o valor do ensino sofístico e, em particular, o daquele que Protágoras veio a Atenas oferecer, centrado na virtude política.